



# A Santa Sé

---

PAPA BENTO XVI  
**AUDIÊNCIA GERAL**

*Praça de São Pedro*  
*Quarta-feira, 1º de Abril de 2009*

## *Viagem Apostólica à Camarões e Angola*

*Queridos irmãos e irmãs!*

Como anunciei no domingo passado no *Angelus*, hoje detenho-me a falar da recente viagem apostólica à África, a primeira do meu pontificado àquele continente. Ela limitou-se aos Camarões e Angola, mas idealmente com a minha visita eu quis abraçar todos os povos africanos e abençoá-los no nome do Senhor. Experimentei o tradicional caloroso acolhimento africano, que me foi dedicado em toda a parte, e aproveitei de bom grado esta ocasião para expressar de novo a minha profunda gratidão aos Episcopados dos dois países, aos Chefes de Estado, a todas as Autoridades e a quantos de vários modos se prodigalizaram pelo sucesso desta minha visita pastoral.

A minha permanência em terra africana começou a 17 de Março em Yaoundé, capital dos Camarões, onde me encontrei imediatamente no coração da África, e não só geograficamente. De facto, este País resume muitas características daquele grande continente, primeira de todas a sua alma profundamente religiosa, que irmana todos os numerosíssimos grupos étnicos que o povoam. Nos Camarões, mais de um quarto dos habitantes são católicos, e convivem pacificamente com as outras comunidades religiosas. Por isso o meu amado Predecessor João Paulo II, em 1995, escolheu a capital desta nação para promulgar a Exortação Apostólica *Ecclesia in Africa*, depois da primeira Assembleia sinodal dedicada precisamente ao continente africano. Desta vez, o Papa voltou lá para entregar o *Instrumentum laboris* da segunda Assembleia sinodal para a África, em programa em Roma no próximo mês de Outubro e que terá como tema: "A Igreja em África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz: "Vós sois o sal da

terra... Vós sois a luz do mundo" (Mt 5, 13-14)".

Nos encontros que, à distância de dois dias, tive com os Episcopados, respectivamente dos [Camarões](#) e de [Angola e São Tomé e Príncipe](#), quis ainda mais neste Ano Paulino recordar a urgência da evangelização, que compete em primeiro lugar precisamente aos Bispos, ressaltando a dimensão colegial, fundada na comunhão sacramental. Exortei-os a ser sempre exemplo para os seus sacerdotes e para todos os fiéis, e a seguir atentamente a formação dos seminaristas, que graças a Deus são numerosos, e dos catequistas, que se tornam cada vez mais necessários para a vida da Igreja em África. Encorajei os Bispos a promover a pastoral do matrimónio e da família, da liturgia e da cultura, também para fazer com que os leigos sejam capazes de resistir ao ataque das seitas e dos grupos esotéricos. Quis confirmá-los com afecto na prática da caridade e na defesa dos direitos dos pobres.

Penso de novo na solene celebração das [Vésperas realizada em Yaoundé](#), na igreja de Maria Rainha dos Apóstolos, Padroeira dos Camarões, um templo grande e moderno, situado no lugar onde começou a obra dos primeiros evangelizadores dos Camarões, os Missionários Espiritanos. Na vigília da solenidade de São José, a cujos cuidados solícitos Deus confiou os seus tesouros mais preciosos, Maria e Jesus, prestamos glória ao único Pai que está no céu, juntamente com os representantes das outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Contemplando a figura espiritual de São José, que consagrou a sua existência a Cristo e à Virgem Maria, convidei os sacerdotes, as pessoas consagradas e os membros dos movimentos eclesiais a permanecer sempre fiéis à sua vocação, vivendo na presença de Deus e na obediência jubilosa à sua Palavra.

Na Nunciatura Apostólica de Yaoundé tive a oportunidade de me encontrar também com os representantes da comunidade muçulmana nos Camarões, reafirmando a importância do diálogo inter-religioso e da colaboração entre cristãos e muçulmanos para ajudar o mundo a abrir-se a Deus. Foi um encontro deveras muito cordial.

Certamente um dos momentos culminantes da viagem foi a entrega do [Instrumentum laboris](#) da [II Assembleia sinodal para a África](#), realizada a 19 de Março dia de São José e meu onomástico no estádio de Yaoundé, no final da solene [Celebração eucarística em honra de São José](#). Isto aconteceu na coralidade do povo de Deus, "entre cânticos de alegria e de louvor de uma multidão em festa" como diz o Salmo (42, 5), do qual fizemos uma experiência concreta. A Assembleia sinodal terá lugar em Roma, mas num certo sentido já iniciou no coração do continente africano, no coração da família cristã que lá vive, sofre e espera. Por isso pareceu-me positiva a coincidência da publicação do "Instrumento de trabalho" com a festa de São José, modelo de fé e de esperança como o primeiro patriarca Abraão. A fé no "Deus próximo", que em Jesus nos mostrou o seu rosto de amor, é a garantia de uma esperança de confiança, para a África e para o mundo inteiro, garantia de um futuro de reconciliação, de justiça e de paz.

Depois da solene assembleia litúrgica e da jubilosa apresentação do Documento de trabalho, na

Nunciatura Apostólica de Yaoundé pude encontrar-me com os Membros do Conselho Especial para a África do Sínodo dos Bispos e viver com eles um momento de comunhão intensa: reflectimos juntos sobre a história da África numa perspectiva teológica e pastoral. Era quase como uma primeira reunião do próprio Sínodo, num debate fraterno entre os diversos episcopados e o Papa sobre as perspectivas do Sínodo da reconciliação e da paz em África. De facto, o cristianismo e isto podia-se ver desde as origens lançou raízes profundas no solo africano, como confirmam os numerosos mártires e santos, pastores, doutores e catequistas que floresceram inicialmente no norte e depois, em épocas sucessivas, no resto do continente: pensamos em Cipriano, Agostinho, na mãe Mónica, em Atanásio; e depois nos mártires de Uganda, em Josefina Bakhita e em muitos outros. Na época actual, que vê a África empenhada a consolidar a independência política e a construção das identidades nacionais num contexto já globalizado, a Igreja acompanha os africanos recordando a grande mensagem do Concílio Vaticano II, aplicado mediante a primeira e, agora, a segunda Assembleia sinodal especial. Entre conflitos infelizmente numerosos e dramáticos que ainda afligem diversas regiões daquele continente, a Igreja sabe que deve ser sinal e instrumento de unidade e de reconciliação, para que toda a África possa construir junto um futuro de justiça, de solidariedade e de paz, concretizando os ensinamentos do Evangelho.

Um sinal forte da acção humanizadora da mensagem de Cristo é sem dúvida o Centro *Cardeal Léger* de Yaoundé, destinado à reabilitação das pessoas portadoras de deficiência. O seu fundador foi o Cardeal canadense Paul Emil Léger, que ali se quis retirar depois do Concílio, em 1968, para trabalhar entre os pobres. Naquele Centro, sucessivamente cedido ao Estado, encontrei numerosos irmãos e irmãs que enfrentam situações de sofrimento, partilhando com eles mas também recebendo deles a esperança que provém da fé, até em situações de sofrimento.

A segunda etapa e segunda parte da minha viagem foi Angola, País que, sob certos aspectos, também é emblemático: tendo saído de facto de uma longa guerra interna, está agora empenhado na obra de reconciliação e de reconstrução nacional. Mas como poderiam ser autênticas esta reconciliação e reconstrução se fossem realizadas em desvantagem dos mais pobres, que têm direito como todos a participar dos recursos da sua terra? Eis por que, com esta minha visita, cujo primeiro objectivo foi obviamente confirmar na fé a Igreja, pretendi também encorajar o processo social em acto. Em Angola é palpável o que, várias vezes, os meus venerados Predecessores repetiram: tudo está perdido com a guerra, tudo pode renascer com a paz. Mas para reconstruir uma nação há necessidade de grandes energias morais. E aqui, mais uma vez, se manifesta a importância do papel da Igreja, chamada a desempenhar uma função educativa, trabalhando em profundidade para renovar e formar as consciências.

O Padroeiro da cidade de Luanda, capital de Angola, é São Paulo: por isso escolhi celebrar a Eucaristia com os sacerdotes, os seminaristas, os religiosos, os catequistas e os agentes pastorais, no sábado 21 de Março, na igreja dedicada ao Apóstolo. Mais uma vez a experiência pessoal de São Paulo nos falou do encontro com Cristo Ressuscitado, capaz de transformar as

peças e a sociedade. Mudam os contextos históricos – e é preciso ter isso em consideração – mas Cristo permanece a verdadeira força de renovação radical do homem e da comunidade humana. Portanto voltar para Deus, converter-se a Cristo significa ir em frente, rumo à plenitude da vida.

Para expressar a proximidade da Igreja aos esforços de reconstrução de Angola e de muitas outras regiões africanas, em Luanda quis dedicar dois encontros especiais respectivamente aos jovens e às mulheres. Com os jovens, no estádio, foi uma festa de alegria e de esperança, infelizmente entristecida pela morte de duas jovens, que foram esmagadas no atropelo da entrada. A África é um continente muito jovem, mas demasiados dos seus filhos, crianças e adolescentes já sofreram graves feridas, que só Jesus Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, pode curar infundindo neles, com o seu Espírito, a força de amar e de se empenhar pela justiça e pela paz. Depois, prestei homenagem às mulheres pelo serviço que tantas delas oferecem à fé, à dignidade humana, à vida e à família. Reafirmei o seu pleno direito a empenhar-se na vida pública, sem que seja mortificado contudo o seu papel na família, missão fundamental que deve ser desempenhada sempre em partilha responsável com todos os outros elementos da sociedade e sobretudo com os maridos e pais. Eis portanto a mensagem que transmiti às novas gerações e ao mundo feminino, fazendo-a extensiva depois a todos na grande assembleia eucarística de domingo, 22 de Março, concelebrada com os Bispos dos Países da África Austral, com a participação de um milhão de fiéis. Se os povos africanos – eu disse-lhes – como o antigo Israel, fundam a sua esperança na Palavra de Deus, ricos do seu património religioso e cultural, podem realmente construir um futuro de reconciliação e de pacificação estável para todos.

Queridos irmãos e irmãs, quantas outras considerações tenho no coração e quantas recordações me afloram à mente pensando nesta viagem! Peço-vos que deis graças ao Senhor pelas maravilhas que Ele realizou e continua a realizar em África graças à acção generosa dos missionários, dos religiosos, das religiosas, dos voluntários, dos sacerdotes, dos catequistas, em comunidades jovens cheias de entusiasmo e de fé. Peço-vos que rezeis também pelas populações africanas, que me são muito queridas, para que possam enfrentar com coragem os grandes desafios sociais, económicos e espirituais do momento presente. Confiemos tudo e todos à intercessão materna de Maria Santíssima, Rainha da África, e dos Santos e Beatos africanos.

---

## Saudação

A minha saudação amiga para os fiéis da diocese de Portalegre, para o grupo da escola do Olhão e demais peregrinos de língua portuguesa, nomeadamente de Angola e São Tomé e Príncipe, cujos compatriotas acabo de encontrar na minha Visita a África. No Sucessor de Pedro, viram personificada esta grande Família de Deus – a Igreja –, da qual todos os povos são chamados a fazer parte e à qual, por graça divina e adesão da fé, nós pertencemos. O anúncio desta verdade despertou neles a certeza de que nunca estão sozinhos; e recomeçaram a esperar e a sorrir.

Amados peregrinos, peço-vos que rezeis pelos povos da África para enfrentarem com coragem os grandes desafios deste tempo. Presença consoladora junto à cruz de seus filhos é Maria Santíssima, a cuja materna protecção confio a vida e família deles e de cada um de vós, ao dar-vos a minha Bênção.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana